

Plano Piloto ou Plano Pilatos?

Brasília

EZIO PIRES

Lavar as mãos. E o que o urbanista Lúcio Costa parece ter decidido fazer pra não se comprometer com o que vai ser do Plano Piloto, cujas distorções ele não nega.

Existe em Brasília um patrimônio estético e histórico, que precisa ser urgente defendido ou garantido por um dispositivo constitucional que afaste o justificado temor de que a qualquer tempo, um governante biônico resolva reestruturar em novos moldes a fisionomia urbanista da cidade, capital do País, que deve continuar diferente de todas as outras no mundo.

Lúcio Costa não gosta mais de falar sobre Brasília. Acompanhado de testemunhas amantes da cidade (uma delas armada de um gravador) fui recentemente recebido pelo urbanista na sua residência no RJ, na Av. Deifim Moreira. Tentel, sem êxito, um depoimento sobre a vida cultural de Brasília e o destino que estaria reservado ao plano originário do DF, que leva para a história o nome do urbanista.

—“Eu não existo mais”. Com essa frase, Lúcio Costa, ainda no elevador do seu prédio residencial no Rio, foi logo justificando a sua recusa de prestar o depoimento solicitado para o CB. Antes da conversa cordial, Lúcio verificou, para ter certeza, se o nosso gravador estava mesmo desligado. Pediu muita informações sobre Brasília, e quando falou sobre alguns problemas anunciados nas nossas informações, não escondeu a sua posição de um consciente conservador, contrário às reivindicações pela representação política no DF.

O urbanista não quer Brasília elegendo seu governador e seus representantes na Câmara Federal e numa Assembleia Legislativa. Também não gostaria de ver os muros da cidade pichados, mas não disse se o Plano Piloto e as cidades-satélites poderiam ter um espaço especial-

mente indicado para as mensagens dos poetas soltos de todas as épocas. Acredito que se algum administrador mais sensível às coisas de arte, decidisse reservar esse tipo de espaço, Lúcio, se consultado, lavaria as mãos.

Não acredito que no silêncio do urbanista, sobre o destino do Plano Piloto, esteja escondida alguma divergência de natureza técnica com o arquiteto Oscar Niemayer. Se isso existisse, Niemayer já teria revelado nas suas freqüentes entrevistas e depoimentos, inclusive em livro: “Minha Experiência em Brasília”. Descubro que o arquiteto e urbanista são hoje dois desencantados com o que está acontecendo com Brasília.

Enquanto Lúcio Costa revela-se desencantado numa carta datada de 19 de agosto de 1974, quando denunciou ao Presidente da Comissão do DF, no Senado, senador Catete Pinheiro (na época) algumas distorções no seu Plano Piloto, Niemayer reclama sempre dos “vícios burgueses gerados pelo sistema capitalista”, que entre outras desgraças, acabaram com os espaços para a solidariedade no DF.

Quero sugerir neste comentário, uma mesa-redonda entre o arquiteto, o urbanista e os novos arquitetos da UnB que estão condenando os espaços generosos e imensos da cidade. Lúcio e Niemayer precisam ser ouvidos sobre a tese do arquetismo pelo arquetismo defendida neste início dos anos 80, depois dos 20 anos de uma cidade que atinge mais de um milhão e trezentos mil habitantes. Qual é a cidade no mundo, que em 20 anos cresceu tanto(?). O arquetismo é uma tese solta e sem base dialética na realidade nacional. Reparem que os espaços de Brasília são condenados como “autoritários”, quando os tesistas do arquetismo esquecem de condenar a administração dos espaços como “au-

toritária”. O espaço generoso e imenso da cidade não tem nada a condenação ao sistema ideológico autoritário. Esse é um equívoco que deveria reunir os que desejam discutir Brasília.

Mas na carta de Lúcio ao Catete Pinheiro, existem algumas sugestões que ainda não foram refletidas. Uma delas é para dar satisfação aos moradores das cidades-satélites, que nas distorções do Plano Piloto, ficaram sem acesso à orla do Lago. “Isso chocou-me”, desabafou naquela carta, o urbanista, que hoje prefere calar-se. Foi proposto no plano originário, um clube campestre popular na beira do Lago, com ancoradouro, grandes alpendrados e espaços e recreios devidamente arborizados. Seria isso na área onde foi construída, entre outras obras, a residência do vice-presidente da República.

—“Brasília nunca será uma cidade velha, e sim depois de completa e com o correr dos anos, uma cidade antiga mas permanente viva”. Essa preocupação de que Brasília devia ser sempre uma cidade viva e não velha, constou do plano originário e foi cobrada na carta de Lúcio. Na conversa com o urbanista, ele lembrou ter aceitado o batismo do povo. Seu projeto indicaria que o nome das asas norte e sul seria “Ala”. Mas o povo preferiu “Asa”.

O urbanista nunca morou em Brasília, enquanto o arquiteto Niemayer nela fixou sua residência até o fim dos anos 60 e início dos anos 70, quando pegou o seu bonê, frustrado com o autoritarismo político que recusou o seu projeto para o Aeroporto Internacional da cidade. Foram momentos amargos para o arquiteto, que resistiu a ameaça que permanece, ao patrimônio estético da cidade. Em relação aos dois—urbanista e arquiteto—, o Plano Piloto já virou um plano pilatos.